

RELAÇÕES DO ALIMENTAR E RELAÇÕES QUE ALIMENTAM: El Tambo e a Mamacocha no norte do Peru

Adriana Paola Paredes Peñafiel¹

Resumo: Neste artigo analiso a noção do *alimentar* dos camponeses do *centro poblado* El Tambo que se organizam para vigiar continuamente a lagoa Mamacocha que está localizada na região do Conga, onde será instalado um projeto de mineração a céu aberto com o mesmo nome. A partir de pesquisa de abordagem etnográfica entre 2013 e 2014, observei que a relacionalidade dos camponeses com a lagoa Mamacocha é ativada pela realidade da experiência vivida com a água, mas que é coproduzida com histórias orais e com encontros com ambientalistas. O *alimentar* é a palavra que emerge nos meus diálogos com os camponeses onde se torna visível uma cadeia complexa de eventos que leva a uma firme oposição contra o projeto de mineração Conga. Ao mesmo tempo, um novo e dinâmico território se torna visível onde Mamacocha tem um papel fundamental e é por isso que os camponeses estendem o seu papel para com a comunidade como Guardiões das Lagoas.

Palavras-chave: Ontologias; Camponeses; Mineração.

Abstract: This article examines the notion *to nourish* of peasants from the hamlet named El tambo who organize themselves in order to guard the lagoon named Mamacocha. This lagoon is located where an open-pit copper-gold mine of the same name is going to be installed. Based on ethnographic research carried out between 2013 and 2014, I observed that the relationality between the peasants and Mamacocha is activated with the reality of camponeses' lived experiences with water but it is co-produced with old narratives about Mamacocha that were told by the elders and encounters with environmentalists. *To nourish* is a word that appeared in my dialogues with peasants that turns visible a complex chain of events in which a firm opposition against the project is taken. At the same time, a new and dynamic territory enacts

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). E-mail: adrianitaperu@hotmail.com. A autora registra agradecimentos à Fapergs e aos pareceristas pelas contribuições.

where Mamacocha has an important role and peasants extend their role for the community as Guardians of the lagoons.

Keywords: Ontologies; Peasants; Mining.

Introdução

Uma firme oposição contra o projeto de mineração de ouro e cobre denominado Conga², na região de Cajamarca, norte do Peru, vem do *centro poblado* El Tambo. Os camponeses deste *centro poblado*³ têm se organizado para que a lagoa Mamacocha seja vigiada continuamente. O particular é que esta lagoa não está incluída dentre as quatro lagoas que iriam desaparecer pela implementação do Projeto de uma jazida a céu aberto. No entanto, os camponeses alegam que qualquer intervenção na região de Conga poderia afetar Mamacocha, e conseqüentemente, eles, os camponeses, morreriam *a pausas* (traduzindo que as suas terras e eles mesmos secariam aos pouquinhos).

Este artigo versa sobre as relações do *alimentar* que se tornam visíveis a partir da ameaça do projeto de mineração e que é estendido, ao longo da pesquisa, em colaboração com outros coletivos. Este alimentar explicado pelas camponesas do *centro poblado* El Tambo não é fixo, é ativado ao comer juntos batatas cozidas, sendo entendido que a minha inclusão no grupo pela comida é uma forma de poder entrar no seu mundo e poder perceber como este seria sem batatas. O artigo está baseado em um trabalho etnográfico entre os anos 2013 e 2014 no Peru. O trabalho de campo foi principalmente no *centro poblado* El Tambo (distrito de Bambamarca, província de Hualgayoc, região de Cajamarca) e na cidade de Cajamarca com viagens curtas à cidade de

² A parte mais alta das alturas.

³ É todo lugar do território nacional do Peru identificado mediante um nome e habitado com ânimo de permanência, no geral por várias famílias. No caso do *centro poblado* El Tambo, está constituído por vários caseríos e no caserío do mesmo nome está a sede da prefeitura do *centro poblado*.

Celendín (província de Celendín). O trabalho está organizado em quatro partes. A primeira parte é esta introdução. A segunda parte examina as premissas que levaram ao desenho dos reservatórios propostos pela empresa mineira como compensação pela perda das lagoas, que segundo os argumentos dos engenheiros, seriam funcionalmente melhores porque as lagoas proporcionam um serviço hídrico incompleto. Na terceira parte analiso como a lagoa Mamacocha, que está próxima às quatro lagoas mencionadas, se torna visível pelos camponeses que não a conheciam ou que tinham perdido a experiência e o conhecimento das lagoas. A frustração com a colheita de batatas e as histórias dos *mayores* (os antigos) confluíram com algumas ideias trazidas pelos ambientalistas ao *centro poblado*. Argumento que este conhecimento é produzido com a reflexão das experiências passadas a par dos acontecimentos contemporâneos. Ofereço algumas reflexões sobre o alimentar através dos diálogos com as famílias enquanto estão engajadas nos seus desenhos da terra. Naqueles diálogos, o alimentar parece não ter finitude, mas é ativado em reflexões sobre o projeto de mineração Conga. Na parte final, traço algumas conclusões.

As águas que não alimentam

O conflito em torno do projeto Conga tomou fôlego em julho de 2011, quando a empresa de mineração Yanacocha oficialmente anunciou a sua proposta de ampliação mineira na construção de uma mina a céu aberto nas cabeceiras de bacias das províncias de Celendín, Cajamarca e Hualgayoc na região de Cajamarca, norte do Peru⁴. A construção da jazida a céu aberto requeria drenar quatro lagoas – Perol, Mala, Azul e Chica – para a viabilidade da implantação da infraestrutura. A compensação proposta pela empresa de mineração seria a construção de três reservatórios de uso exclusivo para os

⁴ Este não é o único conflito de Yanacocha com as comunidades do entorno. Para maiores informações, ler Li (2015).

camponeses, que chegariam a coletar 3,2 milhões de metros cúbicos de água, ou seja, mais que o dobro do que atualmente reúnem as lagoas naturais (1,4 milhão de metros cúbicos) que seriam afetadas pela instalação de toda a infraestrutura da jazida. Um quarto reservatório seria de uso compartilhado entre a empresa e os camponeses até o final da vida útil do projeto. Com o lema “*con mina arriba, más agua abajo*”, os engenheiros do Projeto argumentam que o importante para os camponeses e a sua agricultura é a concentração das águas na direção “águas abaixo”, e para contribuir para esta concentração, eles teriam que intervir na cabeceira das bacias. Como existe uma ausência de chuvas em um período longo do ano (de maio a outubro) o papel dos reservatórios construídos pela empresa consistiria em *colher* as águas durante a temporada de chuvas e *reter* essas águas nos reservatórios para poder ser distribuída na época de seca (KNIGHT PIESOLD CONSULTORES, 2010).

Desde o ano 2011, as fotos das quatro lagoas, Perol, Azul, Mala e Chica, que iriam ser sacrificadas pelo projeto mineiro Conga, têm irrompido no espaço político no Peru. Os protestos sociais contribuíram para que o projeto fosse suspenso. No entanto, como o seu Estudo de Impacto Ambiental (EIA) já foi aprovado em outubro de 2010, a empresa Yanacocha, executora do projeto, está com luz verde para começar. Enquanto a suspensão tinha sido anunciada, a empresa Yanacocha, em 2013, estava inaugurando parte dos reservatórios propostos.

Em janeiro de 2015, na minha cidade natal, a caótica Lima, eu estava revisando o jornal Peru 21 que tinham deixado na mesa do café da manhã. No jornal havia o pequeno artigo “Agua y Bonito”⁵, do qual somente vou mostrar o primeiro parágrafo escrito pelo neto de José Carlos Mariategui⁶, Aldo Mariategui:

⁵ Faz referência ao peixe Bonito, que é explicado nos seguintes parágrafos do texto.

⁶ Um dos mais influentes pensadores do marxismo latino-americano no século XX.

Como bien señalaba Abraham Levy⁷ el otro día, aquí se prefiere dilapidar⁸ miles de millones de dólares en estupideces superfluas como la “modernización” de la refinería de Talara –algún día Ollanta,⁹ Mayorga¹⁰ y Campodónico¹¹ responderán al país por ese oneroso desaguisado,¹² uno por velasquistoide¹³ ignorante, el otro por tecnócrata sabido y el otro por rojo¹⁴ irresponsable– en lugar de construir represas para evitar que el agua dulce de nuestros escasos ríos costeros se pierda en el mar. Indigna observar cómo las importantes crecidas actuales del Rímac, Chillón, Lurín o Mala se desperdician así en lugar de almacenarse para agua potable o irrigar. Por eso, el ex premier israelí Shimon Peres sostuvo que lo que más le llamó la atención del Perú era cómo se malgastaba el agua. ¡Y perdemos riquezas por mineralizadas lagunas estériles como las de Conga! (MARIATEGUI, 2015, p. 6 – sic.).

Seguindo a linha de raciocínio de Blaser (2013), De la Cadena (2015), e Escobar (2012), que discutem conflitos ontológicos e ontologia política, no parágrafo citado acima Mariategui (2015) apresenta certas premissas sobre o que existe. Reter águas para uma melhor distribuição durante o ano agrícola implica uma dualidade cuja essência não se encontra fundamentalmente dependente de relações. Em outras palavras, se assume que a água é um ente isolado e está dentro de uma classificação hierárquica que pode ser subordinada a formas de conhecimento de manejo, controle e propriedade (ESCOBAR 2012; BLASER, 2013). O que existe na região do Conga para Aldo Mariategui e para o grupo hegemônico que conduz os projetos de mineração e desenvolvimento no Peru é uma água infértil, que não produz e, portanto, é um entrave para acessar ao empório de ouro e cobre que está abaixo das lagoas. Consequentemente, aqueles que protegem as suas lagoas, como os Guardiões das Lagoas, são pessoas irracionais por impedir o avanço da mineração e do desenvolvimento no Peru. Os supostos sobre “o que existe” se

⁷ Colunista do jornal peruano *Peru.21*, colega de Aldo Mariategui.

⁸ Malversão dos recursos públicos.

⁹ Presidente atual do Peru, Ollanta Humala.

¹⁰ Ministro atual de Energia e Minas.

¹¹ Ex-presidente da empresa do Estado Petro Peru, de direito privado.

¹² Fazendo referência a um erro.

¹³ Fazendo referência ao General Velasco Alvarado.

¹⁴ Fazendo referência àquele que não está a favor da privatização. Campodónico foi presidente da Petro Peru, empresa nacional de petróleo e a sua proposta era dinamizá-la como empresa nacional.

materializam em desenhos como os reservatórios que, aos olhos da empresa, seriam funcionalmente melhores que as lagoas da região de Conga porque estas últimas realizam um trabalho hídrico incompleto.

Durante o Congresso Internacional dos Guardiões das Lagoas que ocorreu no *centro poblado* El Tambo em meados no mês de agosto de 2014, tinha sido organizada uma marcha de protesto em direção à lagoa El Perol (provincia de Celendín), onde foram apresentadas várias pessoas da provincia de Celendín ligadas a Plataforma Interinstitucional Celendina, conhecida como a PIC. O protesto começava desde um ponto estratégico na região do Conga que unia as delegações que saíam desde El Tambo (Bambamarca) e os dirigentes e camponeses que partiam desde algum ponto da provincia de Celendin. Foi naquela ocasião que conheci a emblemática lagoa El Perol e a lagoa Azul que seriam sacrificadas pelo projeto de mineração, já que até esse momento o meu estudo estava concentrado no Tambo. No entanto, para que o evento ocorresse com sucesso, houve um grupo que trabalhou todos os dias, sem parar. As mulheres camponesas que integravam a comissão de cozinha acordavam as quatro horas da manhã para lavar, descascar e cozinhar as batatas para o café da manhã de todos os que participávamos do Congresso. Este café de manhã é na verdade uma sopa de batatas. Após terminar o café, as mulheres já estavam preparando o almoço e, após o almoço, a janta. Naquele dia que subimos para a lagoa El Perol, uma *van* estragou e o nosso motorista retornou para ajudar ao seu colega atrasando a nossa chegada ao *centro poblado* El Tambo. Chegamos tarde ao *centro poblado*. No entanto, as mulheres camponesas nos esperaram até altas horas da noite, porque chegaríamos com fome. Pensar que outro (o visitante que não conhece a região) está sempre com fome é uma preocupação que sempre se tornou visível nas minhas idas a campo, e o ato de compartilhar comidas é momento de compartilhar histórias, como se verá mais adiante, na seguinte seção.

Figura 01: Comissão de cozinha no Encontro dos Guardiões das Lagoas em agosto de 2014.



Fonte: Acervo da autora.

Após a Conferência, houve a oportunidade de conversar com muitos professores e ativistas em Celendín, que hoje viajam pelas comunidades para participar de conversatórios, capacitações, discussões e alguns acordos. Após o congresso organizado pela Frente de Defesa do Tambo, fui participar de uma noite de vigília na cidade de Celendín e marquei uma conversa com o professor Clavitex. Também ambientalista, queria me apresentar e explicar o propósito da minha visita em Celendín (que não estava prevista em um primeiro momento). Na conversa, o professor narrou uma história de um desses encontros de *jueves* (quintas-feiras) de diálogo entre empresas e pessoas que seriam atingidas pelo projeto que chamou a minha atenção para análise. Ele relatou que uma vez apareceu uma engenheira do estado do Texas (Estados Unidos) para explicar sobre efeitos do *trasvase* ao público convidado. A palavra *trasvase* é referida ao deslocamento das águas das quatro lagoas que iriam desaparecer por causa da construção das cavas e as unidades de desmonte e rejeitos aos reservatórios construídos pela empresa. E de acordo com as informações dos professores e camponeses, esta palavra estava

circulando na cidade de Celendín e nos *caseríos* próximos à área de operações, mas o seu significado não estava claro entre as pessoas, provocando confusões.

O professor Clavitex justamente comentou que a palavra surgiu nos espaços comunicativos entre empresa e comunidades e foi na sua aparição que começaram a ocorrer interpretações díspares. De acordo com o depoimento do professor, esta incongruência emergiu politicamente quando a nova palavra, o trasvase, começou a circular entre os locais da cidade e os camponeses. Pode-se dizer que outras associações foram formando-se com esta palavra que aparecia em Celendín, que enquanto os engenheiros se referiam a ela como o deslocamento das lagoas e o demais *ceteris paribus*, a PIC a associou a uma série de outros elementos que invocavam a morte e destruição, como se verá mais adiante.

Continuando com o relato do professor Clavitex, a engenheira realizou uma exposição argumentando que a paisagem da jalca (paisagem de altura) da província Celendín continuaria sendo igual após o trasvase das águas das lagoas aos reservatórios. Após a exposição, o professor, desconfiado, levantou a mão e perguntou: “Desculpe, você conhece a região?”. E ela respondeu: “não era necessário porque para isso existia a virtualidade”. Então ele questionou: “não é assim como fala”. Imediatamente, os engenheiros peruanos tomaram a palavra: “professor, você vai ter o seu Cornélio”. Cornélio é uma catarata muito apreciada pelas pessoas de Celendín. As águas do Cornélio pertencem ao rio Jadibamba que nasce da lagoa Azul, justamente aquela lagoa que seria deslocada para a instalação de um depósito de dejetos de mineração. Os engenheiros continuaram: “Se se seca a lagoa Azul, colocaremos uma bomba de água que funcione por vinte quatro horas e assim você vai ter o seu Cornélio”. O professor respondeu: “cínicos, por esse cinismo é que nunca tenho acreditado em vocês”.

Este relato narrado pelo professor pode ser observado de várias formas. Primeiro, o trasvase, explicado pelos engenheiros, emerge como um desenho oriundo dos projetos de engenharia e estudos de impacto ambiental, com base na expertise de engenheiros, economistas, biólogos que vivem em um mundo

desenhado por formas racionais de manejar a natureza e as populações. Para a engenheira do Texas, aquela análise e confirmação de que aquilo realmente vai ocorrer pode ser realizada sem estar presente no local, ou seja, em total isolamento da experiência de conhecer as associações as quais se referem os camponeses, professores e ambientalistas. Os engenheiros aceitam que a paisagem e a água são importantes para os camponeses e locais da cidade e estão dispostos a fazer uma reconstrução da natureza, inclusive a pedido, como é o oferecimento que realiza o engenheiro ao professor de que podem bombear a água para que a catarata continue fluindo.

No entanto, o relato do professor propõe também outro olhar. Esta discussão sobre o trasvase é importante discutir porque se abre um novo espaço de comunicação (BHABHA, 2005), onde emerge uma controvérsia capaz de abalar a crença no desenvolvimento – em razão de seus efeitos práticos e diretos – e o *colonizado* realiza uma imediata contestação: “você são cínicos”. O cinismo de Yanacocha, que não é uma descrição exclusiva do professor, contesta a equivalência não somente entre os reservatórios e o Perol, Azul, Mala e Chica, mas também como emergem as associações de onde emergem as entidades, ou seja, o desenho.

No suposto espaço homogêneo de comunicação onde as lagoas aparecem como corpos de águas, inservíveis e de uso secundário para a agricultura, como já foi proposto por Mariategui (2015), os professores e camponeses negam esta posição assinada e sustentada cientificamente pelos engenheiros. Ademais, não aceitam ser classificados como meros ouvintes do projeto e, portanto, advogam ser conhecedores do mundo no qual vivem. A virtualidade mencionada pela engenheira texana, típica do pensamento científico moderno e universalista, não é uma metodologia legítima para os professores e camponeses que estão contra o projeto, mas sim a convivência com as águas no dia a dia. Para isto, recolho a noção de “terceiros espaços” de Bhabha (2005), que é descrito por De Carvalho (1998) como a possibilidade que o subalterno tem de devolver o caráter inconsistente e frágil daquela ordem que se apresenta como legítima e inquestionável. E esse repúdio é construído

quando são atribuídos significados ao enunciado que não compartilham a mesma temporalidade que a autoridade legítima no caso. Na temporalidade da empresa, o que importa é como a natureza pode ser utilizada ao máximo até o ponto que se deva desfazer da original e reaplicar uma nova para manejá-la melhor.

Na temporalidade do professor e de outros ativistas, esta narrativa é incongruente porque a água contida na lagoa não é um recurso nem está isolada de outras entidades no mundo que os camponeses, professores e ambientalistas bem conhecem. Muitos terceiros espaços são abertos em situações de controle da narrativa histórica, de silenciar a voz subalterna, e é por isso que chama a atenção os diversos comunicados da empresa Yanacocha, inclusive contraditórios para manter a sua hierárquica posição. Se bem que Yanacocha recorre à água, considerando que é importante para quem reside nas *jalcas* e águas abaixo, o professor e muitos outros estão refutando a equivalência entre o desenho da natureza, que implica relações não instrumentais, e o desenho da empresa Yanacocha, se entendendo que o desenho das lagoas nasce de um processo complexo de protocolos específicos. O importante aqui é que Yanacocha não pode participar dessa complexa amalgama de relações. Por quê?

**“Queremos papa, queremos maíz, minera Yanacocha fuera del país!”
(Queremos batata, queremos milho, mina Yanacocha, fora do país)**

Antes de visitar o *centro poblado*, as professoras da cidade Bambamarca (capital da província de Hualgayoc) me advertiram para nunca rejeitar a comida que seria oferecida pelos camponeses. Após várias semanas visitando Mariela, a minha principal anfitriã, *rondera*¹⁵, integrante da Frente

¹⁵ Organização comunal de defesa que surgiu de forma autônoma nas áreas rurais do Peru.

de Defesa¹⁶ e usuária do canal de irrigação Chorro Blanco, me senti na confiança de perguntar sobre o que ocorreria se as pessoas rejeitassem a comida oferecida. Mariela me respondeu: “temos sido ensinados para nunca rejeitar a comida. Se você a rejeita, a comida não volta mais a você”. Nessa fase de pesquisa de campo, eu estava preocupada como não ocasionar gastos para Mariela e a sua família. No entanto, com o tempo comecei a perceber que os nossos diálogos mais intensos – quando as histórias foram narradas – foram compartilhando um prato de batatas. Kirsh (2001) analisa o caso das comunidades locais que conviviam com as minas de ouro Lihir em Papua Nova Guiné, observando como as relações sociais emergem pela circulação de coisas. Quando estas são interrompidas pela mina, essa complexa cadeia de eventos se torna visível. Seguindo essa lógica, compartilhar histórias com os camponeses enquanto aceitava as batatas dos meus anfitriões criou certamente relações mais íntimas. A pesquisa de Caballero (2013, p. 135) no *pueblo* de Andamarca (centro sul do Peru) aborda o compartilhar comida como “atos criadores de sociabilidade e reciprocidade entre diversos seres, humanos e não humanos (...)”. A autora destaca que recusar a comida implica *excluir-se*, que seria um movimento contrário ao que os anfitriões estão propondo. Esse movimento contrário a autora o traduz como não dar, reter, acumular, guardar para si, que é negativo e associado à avareza. O que destaca a pesquisadora aqui é que o reter ou cortar a circulação do alimento é um ato de ver ao outro como de fora.

No caso do El Tambo, percebi com o tempo que compartilhar os alimentos com Mariela era uma forma dela me puxar ao seu mundo e poder entender o conflito em torno do projeto de mineração Conga. Com o tempo comecei a perceber que ao aceitar as comidas com os meus anfitriões, elas queriam estender aquela sensibilidade para mim de viver em um mundo que se alimenta principalmente de batatas, e que hoje em dia se sentia ameaçado pelo projeto de mineração Conga. Nos meus últimos dias no El Tambo, uma

¹⁶ Esta organização surgiu em 2011 quando os camponeses do El Tambo acordaram em assembleia defender as lagoas de Conga. Mariela é Presidente do comitê feminino.

vez estava procurando a Mariela e ela estava preparando um porco para fazer uma Festa com outras mulheres porque tinham feito uma *minga*¹⁷ para a construção da casa. A dona da casa nova perguntou para a cunhada de Mariela se eu comia “de tudo”. Ela respondeu: “Adriana, sim, come de tudo”. Aí a dona se aproximou e conversou comigo. Entendi ao final que “comer de tudo” era compartilhar as comidas preparadas na comunidade e aceitar a comida era entendido como estar disposição a *me incluir*, o que me permitiria ser convidada à Festa.

Desde que as nossas conversas também contemplavam mudanças nas águas que alimentam as suas terras, se não houvesse aceitado ou se houvesse comido aparte, não teria podido imaginar a falta delas, como era o temor que as mulheres camponesas sentiam.

Figura 02: Mulheres descascando as batatas.



Fonte: Acervo da autora.

¹⁷ Trabalho comunitário de caráter recíproco.

Figura 03: Compartilhando histórias na cozinha: descascando o milho.



Fonte: Acervo da autora.

Rivera Cusicanqui (2010) oferece outro olhar para a importância de compartilhar as batatas. A autora analisa a noção de *mundo ao contrário* do cronista Guamán Poma¹⁸, que descreve o cataclismo da colonização espanhola quando a centralidade da comida (batata, milho, entre outros) nos coletivos indígenas do mundo andino foi deslocada do mundo. Os desenhos que acompanham a carta mostram como as pessoas celebravam com as famílias, comunidades e com os Deuses, com a batata e como essas práticas foram deslocadas pela centralidade de *comer ouro*, trazido pelos conquistadores. Para Cusicanqui (2010), comer ouro implica a diferença radical que usurpou modo de vida dos coletivos indígenas. Estas novas formas de fazer mundo foram baseadas na exploração da terra para encontrar minerais que configurou a violência da colonização.

Mariela e a sua família se chamam *usuários* do canal de irrigação denominado Chorro Blanco. Nas minhas visitas, eles me mostraram o

¹⁸ Guamán Poma de Ayala escreve uma carta ao Rei de Espanha entre 1612 e 1615 com vários desenhos onde ressalta a ordem cósmica andina e a visão de alteridade espanhola.

desenho da sua acequia (um canal de irrigação artesanal) que se conecta com o canal de irrigação às parcelas de batatas. Segundo Mariela, quando alguém tem a necessidade de irrigar, a permissão deve ser dada pelo administrador principal e o usuário deve irrigar até terminar a sua parcela plantada. Antes de irrigar, Mariela tem que conferir que nada esteja obstruindo a acequia para que a água possa fluir pelo canal e ser guiada pelas fileiras de batatas. Quando a água entra por uma fileira de batatas, as demais são obstruídas para que por uns minutos, as águas alimentem os sulcos e depois seja liberada para alimentar o seguinte canal e assim sucessivamente até a água correr. A localização da parcela é influenciada pela direção que a água toma, após isso a irrigação termina. Ao que parece, existe um controle para que todos possam irrigar a sua parcela. Mas olhando para a acequia de Mariela e para a forma como pequenos caminhos são desenhados na mesma parcela para que a água escorra, entendi que essa ordem não é para ter propriedade sobre a água, senão para que a água continue o seu caminho.

Esta ênfase de *guiar* as águas foi a minha primeira impressão de um desenho ontológico (ESCOBAR 2012; WINOGRAD e FLORES, 1989) que é diferente à ideia de *reter* proposta pela empresa de mineração. Mariela e Benjamín (irmão de Mariela), como outros usuários do canal de irrigação, desenham a terra e os caminhos, sem reter definitivamente a água. Ela alimenta as terras, assim como as batatas crescem para alimentar a família. Cásia, a irmã mais velha de Mariela, apontava que a riqueza do camponês era ter batatas para alimentar a família e aos visitantes (como eu). Aquilo é consistente com que os estudos andinos (MAYER, 2004) tem descrito de economia camponesa por três esferas: o alimento para comer, o alimento para vender e comprar fósforos, sal, e os alimentos para as obrigações sociais. Cásia explica que as pessoas não têm dinheiro nos bolsos. Se precisam de dinheiro, vendem um *animalito* no mercado. De acordo com o seu depoimento, o dinheiro aparece como importante para produtos necessários que não são produzidos.

Figura 04: Camponesa compartilhando um prato de batatas cozidas.



Fonte: Acervo da autora.

No caso de Mariela, ela paga os estudos universitários dos seus filhos. Ela compra *toritos* pequenos, os alimenta e os vende quando estão grandes e fortes. Apesar de que Mariela faça uso de dinheiro, isto não tem alterado a sua vida como camponesa em uma forma que desloque a centralidade do alimento: “El Tambo não é um lugar onde a água se vende como em Hualgayoc¹⁹”, como ela sempre me dizia. O que é interessante é que enquanto as terras são desenhadas, os camponeses se tornam usuários mais espertos do canal, mudando as regras, reinventando sanções e tentando encontrar soluções para como a água pode ser melhor guiada para alimentar as suas terras. Escobar (2012) salienta os desenhos ontológicos como aqueles que também alteram os modos de vida e, em efeito, enquanto os canais de irrigação foram se desenhando, os camponeses iam se tornando usuários dos canais de irrigação e assim podiam trabalhar em uma segunda colheita de batatas. Seguindo esta proposta, Mariela é uma desenhista do seu mundo, sempre comprometida em melhorar a sua habilidade de alimentar a sua família e manejar o dinheiro.

¹⁹ O distrito mineiro ao lado do distrito de Bambamarca onde também realizei pesquisa de campo.

No entanto, no ano 2011, houve algumas interrupções em seus planos. Foi assim que eu soube que Mariela não conhecia a lagoa Mamacocha até novembro de 2011, quando permaneceu acampada por vários dias seguidos nas alturas, vigiando-a junto com outros camponeses. Para Mariela e para muitas outras pessoas do *centro poblado*, até a frustração com as colheitas de batatas, Mamacocha não era um assunto a ser pensado. Lá pelos meses de agosto e setembro de 2011, ela tinha percebido que as suas *papitas* estavam secando. Assustada, informou isso aos demais usuários do canal, mas poucos mostraram interesse nas suas reclamações, com exceção de seus irmãos. Virgílio, o seu irmão mais novo, tinha conversado com uma pessoa de El Tambo que estava trabalhando na construção da estrada entre a lagoa Seca²⁰ e a lagoa Negra e tinha sido demitida. De acordo com o relato de Virgílio, essa pessoa lhe chamou a atenção em um encontro que tiveram e lhe disse: “Vocês não vão fazer nada pelas suas aguitas? A mina vai deixá-los sem água”. Embora o comentário do ex-trabalhador da mina possa parecer tendencioso, pois indica que a sua preocupação sobre a água surgiu justamente após ser despedido e não antes, ele foi pertinente para Virgílio, porque veio naquele momento de interrupção, assim como para Mariela. Virgílio disse que já estava percebendo que havia mais doenças que o normal, e que, por isso, as pessoas estavam aplicando agrotóxicos. No entanto, a frustração com a colheita de batatas e o conhecimento de que havia maquinaria instalada em uma das lagoas no topo das montanhas, em Conga, levou os camponeses a ativar a relacionalidade entre os caseríos e as lagoas. O interessante aqui é que, a partir desse evento e do processo de interpretação consequente, os camponeses do Tambo não somente vão questionar sobre as suas batatas que secaram, mas também sobre toda a rede de conexões até chegar às lagoas. Enquanto eles dinamizam o espaço e as suas conexões entre o *centro poblado* e a lagoa, a empresa de mineração e os seus porta-vozes vão justamente realizar o contrário: cortar a rede, alegando que o fundo da lagoa Mamacocha

²⁰ Estas lagoas estão localizadas a uma maior altura que Mamacocha.

é quase impermeável, não existindo filtração subterrânea e, portanto, não existindo relação entre El Perol e Mamacocha, nem de Mamacocha com El Tambo.

Mariela me recomendou falar com Mario Ramos, um dos líderes da Frente de Defesa do Tambo. Ele também é usuário de irrigação como Mariela e os seus irmãos. Ele enfatizou que quando começaram a chegar os boatos de que a mina estava na região de Conga, eles tinham que saber de onde vinham as águas do El Tambo. Quando perguntei se eles não sabiam, ele me respondeu que as pessoas não sabiam, que precisavam saber. No entanto, ele agregou que o que perceberam ao subir a Conga já “estava comprovado” porque os *mayores* (os antigos) já tinham provado aquilo pela história da lagoa El Tosmo que está na região de Conga. O Tosmo é uma lagoa muito profunda que está perto à lagoa El Perol. Muitos as conheciam porque quando crianças viajaram até Celendín passando pela região do Conga. Mariela conheceu a lagoa de pequena, e a sua mãe disse que não deixava se aproximar dela, porque “comia gente” e animais, e a névoa podia levar uma pessoa até a lagoa. Mas as pessoas do El Tambo, como Branca explicava, tinham perdido a experiência com as lagoas já que com a modernização das estradas de Bambamarca–Cajamarca e o fluxo de *vans*, as pessoas usavam esse meio de transporte e não o cavalo. Aliás, a jazida a céu aberto Yanacocha está hoje em dia obstruindo os caminhos ancestrais de antes de 1992. Antes de falar com Mario, em um almoço na casa de Mariela, seu sogro, uma pessoa de mais idade, relatou que as pessoas conheciam que as águas vinham de Conga porque os *mayores* colocaram flores no “El Tosmo” (lagoa perto da lagoa El Perol). Estas flores aparecem no manancial Chorro Blanco (Bambamarca) que com o canal de irrigação alimenta a parcela de Mariela e o Cornélio (província de Celendín), que é uma queda d’água que vem da lagoa Azul, onde seria o depósito de rejeitos do projeto.

A história da lagoa El Tosmo que é narrado no El Tambo é como descreve Blaser (2013) com “profundas qualidades performativas” porque não se referem a algo lá fora, é parte do desenho do mundo. A percepção de que

algo estava mudando no El Tambo (a falta de água, as plantas morrendo, o brilho dos animais se tornando opaco) é refletido junto com o conhecimento dos *mayores* que torna visível a relacionalidade entre a região de Conga e os caseríos águas abaixo. Ao mesmo tempo, assim como Mario relata, eles precisavam ver aquilo por eles mesmos, assim que algumas delegações foram enviadas para a região de Conga com esse propósito. Nadasty (2003 apud Cruikshank, 2005) relata que para muitos jovens da Primeira Nação Kluane no Canadá as histórias podem ser somente estórias porque já não estão na terra dos antepassados. Por isso, existe uma importância desses coletivos em fazerem viagens até a terra da qual foram separados. No *centro poblado* El Tambo, as pessoas me contavam que com a chegada das estradas, eles deixariam de andar pelos caminhos ancestrais que era pelas lagoas de Conga. Desde El Tambo, todos os dias saía uma *van* que passava pela Mamacocha e em direção por Combayo até a cidade de Cajamarca. No entanto muitos começaram a relatar algumas memórias que permaneceram por causa dos *mayores* que lembravam passar pelas lagoas para ir até Celendín; e alguns até lembram a lagoa Yanacocha que desapareceu em 1992 ao se tornar a maior jazida de ouro da América Latina. Estas narrativas incorporam ideias sobre o mundo e o seu dinamismo.

O conhecimento dos *mayores* era parte das histórias que lhes foram contadas, no entanto, eles precisavam ter a experiência por eles mesmos. Assim, algumas delegações foram enviadas para Conga com esse propósito. Estes depoimentos de Mariela e Mario são importantes porque revelam a importância da experiência. No Tambo, as pessoas diziam que com a chegada das estradas, eles deixaram de andar pelos caminhos ancestrais, todavia algumas memórias permaneceram por causa dos *mayores* que lembravam passar pelas lagoas para ir até Celendín. Com a chegada das estradas, chegou também o arroz, que é preferido hoje pelos jovens em detrimento de outros tipos de tubérculos, como as deliciosas *ocas*²¹.

²¹ Da família das batatas.

A ativação da memória e das histórias em um momento de interrupção (a frustração da colheita de batatas) é importante porque desafia a versão da empresa sobre os eventos e a respeito do conhecimento sobre as lagoas. Aqueles que experimentam as lagoas tem a autoridade de fazer juízos sobre o que está ocorrendo. A geração de Mario e Mariela perdeu a experiência com as lagoas, mas as memórias reconectaram eles com as lagoas de Conga. Hoje, estas histórias se tornaram politicamente importantes para se reconectar com a região do Conga, assim como para reinventar sua própria experiência.

Durante os primeiros momentos da pesquisa de campo em 2013 e 2014, os guardiões das lagoas usavam a palavra alimentar para me explicar como as lagoas Seca, Negra e Mamacocha Chica alimentam à lagoa Mamacocha (a maior lagoa da área). Rafael apontava para os pequenos rios que conectavam uma lagoa com a outra. Aí, ele que me disse que as lagoas alimentavam El Tambo porque eram aquíferos. O uso do termo aquífero foi inesperado já que era um termo ambiental e devo confessar que eu fiz uma imediata tradução à palavra “desembocar”. Esta palavra alimentar apareceu nos meus vários encontros com Mariela, Benjamín e Cásia. Enquanto compartilhávamos os nossos pensamentos, enquanto comíamos batatas ou em frente ao rio, o alimentar estava sendo estendido, quer dizer, o alimentar deles estendia o meu saber e sentimentos, e ao mesmo tempo, as minhas respostas às suas perguntas também estendiam o seu conhecimento, sem imposição ou redução de um ou do outro. Entender esta extensão do alimentar estava intimamente relacionada com a emergência de entidades que tornavam complexa a relação entre as lagoas e El Tambo.

Cásia explicou que ela sabia das lagoas porque quando era pequena escutou algumas conversações sobre los *encargos* (presentes às lagoas). As pessoas de Bambamarca iam à famosa Festa de Sorochuco (província de Celendín) a cavalo e o caminho era feito atravessando as lagoas. Hoje, a mina bloqueou o caminho. Ao atravessar, os *mayores* colocavam açúcar nas águas. Por que, eu perguntava: Cásia dizia que ela entende hoje como uma intenção para se ter água doce. Cásia me dizia que hoje ela pensa que a Festa de

Sorochuco era um pretexto para deixar os *encargos*, e não o oposto (ir para Festa e de passagem deixar o encargo) como acreditava antes do conflito. Nestas interpretações de Cásia, Cruikshank (2005) nos dá uma pista. A autora nos faz lembrar que as histórias orais não são herméticas, elas são reinterpretadas por gerações quando novos eventos surgem. Nesse sentido, a visibilidade da história oral em momento de usurpações ou interrupções emerge para ativar a relacionalidade entre Conga e El Tambo.

Ao mesmo tempo, contestar a ideia (implícita nos modelos hidrológicos dos engenheiros da empresa Yanacocha) de que as lagoas são isoladas são associações que devem ser enfatizadas aqui. As histórias sobre a água doce não são simplesmente usadas para reforçar a ideia de que para os *mayores* elas eram importantes. Além disso, o invocar destas histórias cria uma nova conexão com as lagoas. É por isso que uso a noção de *estendida*²², porque enquanto compartilhávamos conversações com os camponeses, as suas explicações estendiam as minhas reflexões, enquanto as minhas perguntas também estendiam as suas explicações. Estes processos ocorreram também com os ambientalistas, as capacitações da Igreja Católica e o culto evangélico onde novos elementos foram associados não somente para defender as lagoas de Conga, mas também para fazer histórias e práticas. Cásia me disse que ela é sempre convidada às conferências de ONGs para falar sobre a problemática de Conga. Uma vez, ela respondeu em uma das conferências que não aceitava o reservatório porque seria muito caro, requer dinheiro para manutenção, então nunca daria certo. Na explicação, ela virou para mim: as lagoas não dependem de ninguém, a chuva aparece quando a nuvem se encontra com mão de Deus, e assim Mamacocha se alimenta para nos alimentar. As entidades trabalham em conexão na cabeceira de bacias quando a chuva ocorre, assim que a localização das lagoas no alto importa. O açúcar é presenteado para que a água seja doce, assim que Mamacocha é uma entidade

²² Termo usado por De la Cadena (2015).

que sente e responde às pessoas. Então, de acordo com isso nos perguntaríamos de novo: sempre haveria chuva com mina ou sem mina?

Alimentar é um processo em que a água continuamente nasce e flui e muitos participam neste desenho. Desde os caseiros águas abaixo, os camponeses guiam a água que flui para alimentar a terra e as outras terras, as suas famílias as comunidades e esta relação não pode ser retida com o desenho de um reservatório. A construção dos reservatórios deslocaria os camponeses do El Tambo de participar como desenhistas dessa relacionalidade.

Enquanto esse mundo relacional começa a se tornar visível pelas referências à memória coletiva local e a reinterpretação das histórias, os engenheiros sugeriam cortar todas as conexões para argumentar que Mamacocha pertence a uma bacia diferente das outras lagoas. Eles argumentam que El Tambo está fora da área do projeto. Esta reconexão do El Tambo com Conga pode ser vista como a criação de um espaço dinâmico onde toda a rede começa a existir e onde os camponeses começam a reinterpretar o seu lugar. Este lugar surge pela emergência de conexões e este novo elemento interfere com o modo de ser camponês, porque eles começam a cuidar das lagoas. Como um camponês me disse: o papel dos *ronderos* era de cuidar dos nossos pertences, hoje é cuidar o que é para todos. Este processo de desenho ontológico que ativa a relacionalidade de Mamacocha com os camponeses do El Tambo contribui à *extensão* (DE LA CADENA, 2015) do papel dos camponeses: hoje são os guardiões das lagoas.

Conclusões

O repúdio ao Projeto Conga por parte dos camponeses do *centro poblado* El Tambo em colaboração com professores e ambientalistas não pode ser explicado considerando que a água é um ente separado para qual cada grupo interpreta de forma diferente. O que demonstra a pesquisa etnográfica é que

Tessituras

as águas nascem de relações do alimentar. E a lagoa Mamacocha, como El Pero, Azul, Mala e Chica, nasce da mesma forma. As lagoas não estancam o alimentar, como seria o caso do reservatório, elas estão conectadas ao alimentar. Os desenhos nas terras, tal como as *acequias* ou a própria parcela de batatas, são justamente para que as terras e as *papitas* se alimentem das forças que nascem acima das montanhas. Estas batatas alimentadas pelas águas que nascem na região de Conga são compartilhadas pelos visitantes como eu, junto com as histórias orais que estão em processo de reflexão, diante da ameaça da instalação do projeto mineiro.

Ao observar como Mariela e sua família desenham *com e a* natureza — ao plantar batata da mesma forma como Mamacocha, Perol, Azul, Mala e Chica alimentam as terras, ou seja, sem a interferência de alguma entidade relacionada que bloqueie o alimentar—, pode-se pensar em um desenho ontológico, autônomo e político, porque os camponeses refutam ser dominados pelas práticas que implicam o controle e a manipulação de suas terras e de suas águas; são práticas onde a centralidade é o alimentar. O repúdio de Yanacocha pode ser interpretado de um lado porque a empresa procura reter águas, o que vai contra a lógica da circulação de fluxos que permite alimentar os rios, a terra, as suas famílias, os seus corpos. De outro lado, porque caso houvesse a participação de Yanacocha no nascer das águas, estas seriam diferentes, os mataria. Finalmente, Mariela tinha razão: as *papas* sempre chegaram até mim enquanto participava das mobilizações contra o projeto Conga junto com os camponeses do *centro poblado*.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 2005.

BLASER, Mario. Ontological conflicts and the stories of peoples in spite of Europe. **Current Anthropology**, v. 54, n. 5, p. 547-568, 2013.

CABALLERO, Indira Viana. Alimentos, reciprocidade e fluxos: sobre a lógica da alternância nos Andes peruanos. **Iha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 15, n. 1-2, p. 123-148, 2013.

CRUIKSHANK, Julie. **Do glaciers listen?** local knowledge, colonial encounters and social imagination. Vancouver: University of British Columbia Press, 2005.

DE CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 182 - 198, 1998.

DE LA CADENA, Marisol. **Earth beings:** ecologies of practice across Andean worlds. Durham: Duke University Press, 2015.

ESCOBAR, Arturo. **Notes on the ontological design.** 2012. Disponível em: http://sawyerseminar.ucdavis.edu/files/2012/12/ESCOBAR_Notes-on-the-Ontology-of-Design-Parts-I-II-_-III.pdf. Acesso em: 15 mar. 2015.

KIRSCH, Stuart. Property effects: social networks and compensation claims in Melanesia. **Social Anthropology**, v. 9, n. 2, p. 147-163, 2001.

KNIGHT PIESOLD CONSULTORES. **Proyecto Conga:** estudio de impacto ambiental. Resumen ejecutivo. Lima: Knight Piesold, 2010.

LI, Fabiana. **Unearthing Conflict:** corporate mining, activism, and expertise in Peru. Durham, NC: Duke University Press, 2015.

MARIATEGUI, Aldo. Agua y Bonito. **Peru21.** Lima, 08 jan. 2015.

MAYER, Enrique. **Casa, chacra y dinero:** economías domésticas y ecología en los Andes. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2004.

NADASTY, Paul. Reevaluating the Co-Management Success Story. **Arctic**, v. 56, n. 4, p. 367-380, 2003.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa:** una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

WINOGRAD, Terry; FLORES, Fernando. **Hacia la comprensión de la informática y la cognición:** ordenadores y conocimiento, fundamentos para el diseño del siglo XXI. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1989.

Recebido em: 28/08/2015.

Aprovado em: 19/11/2015.

Publicado em: 31/12/2015.